



MEMÓRIA E HISTÓRIA. A IDENTIDADE NA OBRA DE MOACYR SCLiar

ABREU, Claudete Conceição de¹
SILVA, Regina Coeli Machado²

RESUMO: Enquanto expressão literária da comunidade brasileira, destaca-se nas narrativas de Scliar a expressão de um grupo étnico – a comunidade judaica – incorporando, assim, a diversidade cultural como elemento para sua construção ficcional. Dessa maneira, as narrativas são também expressão da diversidade identitária que compõe o Brasil como nação, ao mesmo tempo inseridas e confrontadas com a cultura hegemônica que caracteriza os valores universalistas da modernidade. Isto significa considerar a identidade nacional incorporando a história da imigração, ocorrida desde o final do século XIX, da qual fazem parte o grupo de imigrantes judeus e seus descendentes. Identifica-se, neste artigo, essa diversidade identitária observando-a nas obras analisadas.

PALAVRAS CHAVES: Imigração, Identidade e Literatura.

ABSTRACT: As a literary expression of an ethnic group – the Jewish community – the Scliar's narratives embody the cultural diversity as an element for their fictional construction. So, they are also expression of the various identities that compose Brazil as a nation, being, at the same time, inserted as much as confronted with the hegemonic culture that characterizes the universalist values of modernity. This means to consider that the national identity includes the immigration's process occurred since the final of the twentieth century, from which takes part the group of Jewish immigrants and their descendants.

Esta breve análise sociológica das obras *A Majestade do Xingu*³ (1997) e *O exército de um Homem Só*⁴ (1997) de Moacyr Scliar⁵ constitui um exercício de demonstração das dificuldades analíticas envolvidas quando se pensa nas narrativas literárias como expressões de identidades culturais, étnicas ou nacionais. Sob tais dificuldades, o desafio colocado é explicitado pela pergunta sobre o alcance particularista ou universalista das narrativas de Scliar, pergunta respondida pela crítica de que elas são ou predominantemente particularistas ou predominantemente universalistas. Na primeira alternativa, as obras do autor foram analisadas como

expressão de uma identidade cultural – a dos protagonistas judeus - cuja “substância”, tecida cultural e historicamente, é uma das razões para fazer dos judeus seres que experimentam a diferença de modo radical. Marcados pela diáspora, os personagens nas narrativas de Scliar não conseguem conviver com o passado de que são fruto, nem se integrarem ao presente que contradiz suas raízes (cf. Zilberman, 1992). Na segunda alternativa, elas foram analisadas como universalistas, utilizando a cor local – identidade étnica (judaica), nacional (brasileira) ou regional (gaúcha) - para uma ambientação cosmopolita ou moderna (cf. Neto, 1999 e Silverman, 1978). Em seus personagens Scliar expressa os conflitos que “assolam a todo o indivíduo indistintamente, mostrando as oscilações entre a lealdade a certas raízes e idéias e a degradação” decorrente do enquadramento ao mundo moderno (Zilberman, 1992: 80). Evidentemente que essas posições contrárias também podem ser vistas como imbricadas quando se pensa a afirmação de identidades com seus atravessamentos em contextos que problematizam a especificidade com o tema da modernidade. É assim, por exemplo, que Roberto Damatta analisa alguns romances de Jorge Amado e contos de Guimarães Rosa (cf. 1983 e 1981), tomados como narrativas etnográficas, porque permitem visualizar e, ao mesmo tempo, atualizar as tensões relacionais - entre configurações holistas e individualistas - que constroem a especificidade da cultura brasileira.

Contudo, como Damatta adverte, não há uma cultura brasileira substantiva porque pensar o Brasil culturalmente é também pensar a diversidade que o caracteriza, incluindo os próprios valores racionalistas e liberais que o definem como nação. Como se sabe, a construção do Brasil como nação, política e juridicamente, não foi simples, sobretudo porque envolvia, intensamente, diversos grupos que emigraram de diversos países e que re(construíram) suas identidades no Brasil em parte pela idéia do pertencimento aos países e aos grupos de origem (cf. Giralda, 1997). Uma das consequências deste movimento foi justamente a tentativa de apagamento desses grupos em termos culturais, conseguido graças a políticas repressivas por parte do Estado Novo, o que, em parte, ajudou a manter uma “ficção” existente no país desde o século XIX: a crença de que a identidade brasileira seria resultado da mistura de “três raças”: o branco (principalmente representado pelo português), o negro e o índio (como a representação de uma única raça), crença que permanece atualmente divulgada.

Esta ingenuidade não parece mais ser compartilhada pelos estudiosos das narrativas ficcionais produzidas no Brasil. Ao contrário, se reconhece nas narrativas a presença de subgrupos étnicos, como os judeus, que Moacyr Scliar⁶ evidencia através de seu trabalho literário, descrevendo os judeus não como um grupo autônomo, mas atravessado por linhas de demarcação que fazem cruzar fronteiras nacionais – Rússia, Tchecoslováquia, Brasil – identitárias – judeu, brasileiro, alemão - e

político-ideológicas – comunistas, socialistas, liberais. Por esta razão, o argumento que pretendemos desenvolver é que a literatura de Scliar não ameaça o cânon do que seria considerado como literatura brasileira porque incorpora a diversidade cultural como elemento para sua construção ficcional. Desta forma, enquanto expressão literária de um grupo étnico é também expressão das diversas identidades que compõem o Brasil como nação, estando, ao mesmo tempo, inserida e em confronto com a cultura hegemônica que caracteriza os valores universalistas da modernidade.

Como toda análise sociológica, o estudo das narrativas literárias de grupos étnicos impõe o recurso a diferentes campos disciplinares porque reúne a história social e o contexto cultural nos quais são construídas, pressupostos diversas vezes enfatizados por vários autores, quando se trata de pensar o campo literário em sua relação com a sociedade (cf. Bakhtin 1975, Candido 2000, etc). Sob esta perspectiva, analisar os romances **A majestade do Xingu** (1997) e **O exercito de um homem só** (1997) supõe a considerar a relação de três elementos fundamentais - o contexto social e histórico e suas relações com o texto e com o autor. Isto é, considerar o conjunto formado pela relação entre autor, texto e contexto, o que permite vê-los como expressão da literatura brasileira (cf. Candido, 2000).

Através da análise da narrativa de Scliar, principalmente os romances dedicados ao público adulto, percebe-se, de imediato, duas características fundamentais que serão aqui nosso objeto de atenção. A primeira é a declaração constante e enfática do pertencimento cultural dos personagens à cultura judaica. Os personagens principais de quase todos os romances são denominados judeus por si mesmos, pelo narrador ou pelo contexto da obra. Em **A Majestade do Xingu** (1997) tanto o narrador protagonista como Noel Nutels, e suas famílias, são judeus da Rússia; no **exército de um homem só** (1997), Mayer Guinzburg, sua família e seus amigos são judeus oriundos da Rússia e assim é na maioria esmagadora dos romances do autor. O que difere são os países de procedência dos personagens principais. Esse vínculo de pertencimento identitário e nacional é sempre acompanhado por uma série de características complementares que demarcam as fronteiras desse pertencimento:

Agora estávamos morando no Brasil. Melhor: estávamos morando no Bom Retiro. Na rua se falava iídiche, havia sinagogas, escolas judaicas, sociedades judaicas. Sim, as redondezas estavam cheias de *góim*⁷, e muita surra eu levaria no sábado de Aleluia para a prender a não judiar de Cristo – mas, de alguma forma, nós nos sentíamos em casa. (M.d. X. 56-7).

Na busca de alimentos para Mayer, nossa mãe revelava diligência, argúcia, arrojo, destemor; perícia e espírito de improvisação; carinho. Perseguia tenras galinhas,

suas e dos vizinhos; leva-as em pessoa ao *Schochet*, assistia ao sacrifício ritual, cuidando assim que a carne (especialmente a do peito, que era a que Mayer abominava menos) recebesse as bênçãos divinas. (Ex. d. HS. 14)

No entanto, esse pertencimento é relativizado através da segunda característica fundamentalmente marcante nas citadas obras, que é a remissão constante das narrativas à história, principalmente, a história recente que deu impulso ao movimento migratório. Em diversas obras do autor a emigração dos personagens para o Brasil ocorre em virtude de fatos históricos que provocaram a ameaça de perseguições aos judeus. Nas duas obras em questão, a Revolução Russa de 1917 aparece como uma das fortes razões para a emigração. NA *Majestade do Xingu* (1997) a família do narrador protagonista, após o início da Revolução Russa de 1917, recebe como hóspede em sua casa um soldado cossaco, Isaac Babel, jovem escritor judeu que se juntara à revolução. Durante a visita, numa conversa com a família, o soldado menciona que a revolução fará, certamente, vítimas inocentes. Essa afirmação de Isaac Babel, além de todas as conseqüências da revolução sofridas pelos personagens até aquele momento, faz com que os pais do narrador protagonista resolvam aceitar a oferta dos ricos judeus da companhia de emigração *Jewish Colonization Association* (JCA) para emigrarem para o Brasil, suspeitando que as tais "vítimas inocentes" poderiam ser os judeus (M. d. X. pp. 30-34).

Um outro fato histórico irá se somar à Revolução de 1917 como uma das causas para a emigração, da família de Noel Nutels, para o Brasil. O pai de Noel Nutels, Salomão Nutels, vivia na Argentina em 1917. Mas, cansado de tentar fazer fortuna vendendo sapatos, ele decide voltar para a Rússia e, em sua viagem de volta pelo mar, o navio faz uma parada no território brasileiro exatamente no dia em que o Brasil declara guerra aos alemães. Salomão ao descer do navio é confundido com um alemão, perseguido e surrado, perdendo o navio. Por isso fica no Brasil, o que fará com que sua esposa e Noel Nutels, seu filho, que tinham decidido sair da Rússia, venham encontrá-lo no Brasil (M.d. X. p.18).

Em **O exército de um homem só** (1997), o mote da construção do romance, a construção da Nova Birobidjan, desejo que move a existência do Capitão Birobidjan, possui uma referência histórica. O projeto de construção desse lugar é um projeto do governo soviético que, em 1928, destinou dez milhões de acres para o estabelecimento de uma comunidade judaica autônoma em Birobidjan, na Sibéria Oriental (*O Ex. d. HS. 08*). Portanto, o mote do romance é o desejo de Mayer Guinzburg construir a "Nova Birobidjan", no Brasil, elemento que permite inferir que o ideal de Mayer seria restabelecer um ponto histórico que ficou perdido no tempo.

Várias são as citações de fatos importantes da história, nessas e em outras obras de Scliar, o que nos impulsiona a levantar, assim, um questionamento subsequente: qual a relação entre a cultura judaica e a história? Mesmo que essa pergunta possa parecer ingênua, ou primária, faz-se necessário compreender melhor essa relação fundamental, presente nas duas obras analisadas, pois ela parece ser também fundamental na construção da cultura judaica, como evidenciam diversos autores dessa cultura (cf. Arendt 1989, Boner 2001 e Seligmann-Silva 2003).

A cultura judaica tem sido identificada como uma cultura histórica Gil (1984) e a explicação para isso, segundo Mircea Eliade (1992), é que Jeová, no Judaísmo, assumindo o papel de construtor da história, intervém diretamente na história dos homens de forma definitiva, causando efeitos irreversíveis. Cada "nova manifestação de Jeová na história não é redutível a uma manifestação anterior" (ELIADE, 1992: 97). Sabe-se que a cultura judaica é uma das primeiras culturas a estabelecer um fundamento histórico para a existência dos homens, descrita na Bíblia com início, meio e fim, ou seja, do Gênese ao Apocalipse. É esta descrição que permite também a Hannah Arendt afirmar que a cultura judaica possui um "conceito bem definido de história". Segundo ela:

A história judaica oferece extraordinário espetáculo de um povo, único nesse particular, que começou sua existência histórica a partir de um conceito bem definido de história e com a resolução quase consciente de realizar na terra um plano bem delimitado, e que depois, sem desistir dessa idéia, evitou qualquer ação política durante 2 mil anos. Em consequência, a história política do povo judeu tornou-se mais dependente de fatores imprevistos e acidentais do que a história de outras nações (grifos nossos, ARENDT, 1989:28).

Os fatos históricos apresentados nas narrativas de Scliar, contudo, não aparecem apenas como razões para as migrações de grupos e de famílias judaicas. Além da Revolução Russa, a história da Primeira e da Segunda Guerra Mundial e o golpe militar no Brasil constituem eventos que estão em relação direta com a vida cotidiana dos personagens. Nas duas obras, tanto em **A Majestade do Xingu** (1997) quanto em **O exército de um homem só** (1997), a narrativa é apresentada como biográfica e os fatos narrados são expostos como reais, datados e fixados em tempo e espaço recuperáveis historicamente, o que revela a intenção de relatar uma experiência "real" de um homem singular, com existência localizada em tempo e espaço precisos.

Esse recurso utilizado na narrativa, que descreve e acentua o tempo e o espaço, é uma característica do romance realista (cf. Watt, 1990), que tem seu início datado no século XVIII, época do surgimento do romance⁸. Porém, no caso

dos primeiros romances, o objetivo era exatamente o oposto do que se apresenta nas obras analisadas: o de individualizar a experiência da personagem, nomeada, datada e localizada geograficamente, tornando a experiência narrada única e específica de um indivíduo. No caso das duas obras analisadas, o narrador, com esse recurso, recupera um pouco da história da imigração judaica no Brasil, da história judaica no mundo e da história dos conflitos sociais do mundo ocidental na trajetória rumo à racionalização. Desta forma, o resultado é uma diluição das individualidades dos personagens nos eventos históricos, que passam a ser identificadas como exemplos de experiências universais. Assim como no princípio a história do homem é contada pela cultura judaica como a única história possível, ou seja, o princípio da história do homem é a história do Gênese da Bíblia, a ligação da memória dos personagens a fatos históricos faz com que os personagens se expressem como membros não exclusivos de seus grupos, mas da humanidade inteira.

As experiências relatadas dos personagens, narradas como exemplares de grupos vivendo em contextos históricos de grande alcance mundial, são os focos principais das narrativas. Não há problemas determinados e específicos a serem resolvidos, mas é a própria vida que deve ser resolvida em seus impasses cotidianos e que se liga, de forma direta ou indireta, aos conflitos humanos do último século, tomados como eventos de significação universais.

Juntamente à valorização dos eventos históricos encontra-se a memória nessas narrativas que simulam relatos biográficos. Sabe-se que a história se constitui através da memória, mas a memória nem sempre é história. No entanto, na obra de Scliar essas duas categorias da rememoração se misturam. O que se percebe de imediato na obra de Scliar é que ela é construída como biográfica, um memorial da vida cotidiana de imigrantes judeus no sul do Brasil. Essa memória relaciona suas vidas aos fatos históricos mundiais, como na citação do que ocorre com o pai de Noel, Salomão Nutels. O momento presente aparece como resultado de uma sucessão de fatos históricos que desembocam em um aqui e agora, e o personagem está envolvido de forma que não se pode mudar o passado. O presente passa a ser, então, o destino preparado historicamente, ao qual se está fadado a se submeter. Essa relação é visível na **A Majestade do Xingu** (1997) em que o narrador, após contar o ocorrido com Salomão Nutels, afirma:

Destino, não é, doutor? O destino queria que Salomão Nutels ficasse no Brasil. O destino armou a mão do sérvio Gavril Princip, o autor do atentado contra o arquiduque Ferdinando que desencadeou a Primeira Guerra" (M. d. X. 18)

Essa afirmação do narrador, que coloca a história como promotora do destino dos personagens, remete a reflexão ao papel de Jeová, na cultura judaica,

como construtor da história que atribui à história o papel de construtora do destino. Desta forma, pode-se concluir que a concepção de história presente nas obras define a história como fenômeno que transforma o presente no destino do personagem e, sendo assim, o personagem perde sua autonomia, por ter seu destino determinado fora de sua ação, o que é uma idéia-valor⁹ do mundo tradicional. No entanto, de acordo com as idéias-valores do mundo moderno, a história é produto da ação do homem e o homem é responsabilizado através da história não só por seu próprio destino, como também pelo destino dos outros. Uma das conclusões dessa íntima relação entre memória e história, não só nas narrativas aqui analisadas, é a construção de uma memória coletiva, ou da memória destinada a um grupo. Goody (*apud.* Gil, 1984) define a memória coletiva como a interpretação através da cultura dos fatos históricos em que o grupo está envolvido, tendo a memória coletiva o componente do mito fundador. Portanto, ela compõe a identidade do grupo.

A busca da conciliação entre história e memória, acompanhando essas reflexões, permite remeter a memória às idéias-valores do mundo tradicional e a história, denominada como história "objetiva", às idéias-valores do mundo moderno¹⁰. Encontramos assim, uma oscilação nessa relação entre memória e história, sendo uma que aponta para as idéias-valores do mundo tradicional, ou seja, para a memória e outra que aponta para as idéias-valores do mundo moderno, ou seja, nesse caso, para a história.

Chegando a essa idéia da convivência, às vezes conflituosa e às vezes conciliadora, entre as idéias-valores tradicionais e modernas, julgamos que essa convivência está presente no conjunto de idéias expresso nas obras de Scliar, como também está expressa em partes que compõem a obra como, por exemplo, no papel do narrador, que possui uma existência concreta em um mundo que respalda e organiza sua cultura na memória, o mundo tradicional.

O mundo tradicional concebe a história como narrativa que se constrói através da memória, sendo essa memória uma produção criativa dessa cultura. Como afirma Goody (*apud.* Gil, 1984) o papel do narrador é destacado nessa ação de produção criativa da cultura do mundo tradicional, através da memória.

A cultura judaica, por sua identificação como cultura histórica, relaciona-se com a definição de história com a narrativa e atribui valor especial à transmissão da história. Dessa maneira a história está intimamente ligada à narrativa, à manutenção da cultura e ao papel social do narrador do mundo tradicional. Tem-se, portanto, a construção do narrador de Scliar como um elemento que une características do narrador do mundo tradicional em um mundo em que, segundo Walter Benjamin (1938), o narrador não existe mais.

Os narradores, nos dois romances, vinculam suas narrativas ao temor da morte, outro tema intimamente ligado à memória e à história. Tanto o narrador

protagonista de **A Majestade do Xingu** (1997), quanto Mayer Guinzburg de **O exército de um homem só** (1997) estão diante da morte quando são realizadas as narrativas: o primeiro como quem conta e o segundo de quem se conta. Nas duas narrativas a morte é o início e o final das histórias. Esses narradores temem a morte, mas antes de temerem a morte física, suas ou de seus personagens, temem a morte das vivências a serem relatadas, ou se poderia dizer, a morte espiritual, pois, como afirma Duarte, citando Vernant: "O Esquecimento (*Lethe*) é (...) uma água de morte. Ninguém pode abordar o reino das sombras sem ter bebido nessa fonte". Por outro lado, segundo o mesmo autor, *Mnemosyne*, a deusa da memória, é a fonte da imortalidade (DUARTE, 1983: 31). Portanto, a renovação e divulgação da memória buscam a imortalidade, não uma imortalidade pessoal, mas uma imortalidade em seu papel social, na importância do homem como membro de um grupo.

Mais uma vez tem-se a ligação do personagem com a sua comunidade, mais uma vez a diluição da individualidade na importância do papel social. Afirma o narrador de **A majestade do Xingu** (1997):

ninguém sabe do Noel tanto quanto eu, ninguém falou do Noel tanto quanto eu. Fui – sou – um homem insignificante, nada fiz de importante, mas algumas pessoas ficaram sabendo do Noel graças a mim, e isso, se não justifica minha existência, pelo menos me consola. (*M. d. X. 09*)

O narrador de **A majestade do Xingu**, (1997), nessa citação, reafirma a importância da memória como dívida social, e valoriza sua existência através da memória que pode compartilhar, redefinindo, reorganizando sua vida e contribuindo para a comunidade com a história de Noel Nutels, vista como exemplar e reconstruída por ele através da memória. Enquanto a reatualização da memória liga o personagem a seu grupo, no caso das obras citadas, os judeus no Brasil, a localização dessa memória na história insere o personagem à representação da humanidade.

Em **O exército de um homem só** (1997) o narrador expõe a história de Mayer ligada aos fatos históricos relacionados aos embates ideológicos entre liberais e comunistas:

1952. Na União Soviética médicos judeus são acusados de organizar um complotô contra a vida de Stalin. Na Tchecoslováquia, Rudolf Slansky, até 1950 Secretário-Geral do Partido Comunista Tcheco e até 1951 Vice-Primeiro-Ministro, é levado a julgamento sob acusações de "atividades trotskistas-titoístas-sionistas, a serviço do imperialismo americano, em dezembro de 1952 Slansky e outros sete réus judeus são considerados culpados e executados. 1952. Mayer Guinzburg agora odiava a Rússia,

aquela megera gigantesca e cruel. Quando pensava nas lágrimas que derramara por Stalingrado, [...] chegava a corar de vergonha [...] A Rússia era mentirosa, cínica, covarde e traiçoeira (Ex. D. HS 107).

No caso do personagem Noel, de *A Majestade do Xingu* (1997) essa ligação ocorre, muitas vezes, buscando ligar o personagem à história do Brasil, aos brasileiros:

Em 1935, na época do levante comunista contra a ditadura do Vargas, [Noel] foi preso. Era estudante de medicina, e o delegado que o interrogou ficou assombrado: tinha diante de si um universitário, uma pessoa de respeito, mas que era, ao mesmo tempo, judeu, russo e comunista. Como é que o senhor explica isso?, perguntou. É puro azar, disse Noel, deixando o homem perplexo. Tinha coragem, o Noel. (M. d. X. 98).

Desta maneira, a obra de Scliar insere na literatura brasileira a história de um grupo social nunca ouvido antes em nossa literatura, enriquecendo o contexto sócio-cultural expresso através da literatura brasileira, tornando o contexto sócio-cultural brasileiro mais complexo. A literatura brasileira torna-se um espaço onde não cabe mais definições simples sobre as expressões da nacionalidade e, com isso, torna-se também mais diverso. As obras apresentam um contexto que liga a vida cotidiana do imigrante judeu-brasileiro à história não só brasileira, mas à história da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das conclusões provisória da obras de Scliar é que, ao vincular a vida dos personagens à história do Brasil faz-se a ligação da identidade judaica à identidade nacional e pode-se, então, identificá-los como judeus-brasileiros. Porém, essa aproximação entre identidades culturais é feita através do cruzamento de fronteiras que as demarcam por linhas da tensão que atravessam as idéias-valores tradicionais e modernas.

Em relação a cultura brasileira, Roberto Damatta (1983) a analisa como semi-tradicional e seu argumento central desenvolve-se através da observação da oscilação dessa cultura entre o tradicional e o moderno. Assim, enquanto essa oscilação, no caso brasileiro, é realizada de forma quase "inconsciente", na cultura judaica ela parece ser pensada e procurada. Buscar a modernidade, nos dois casos, é uma questão de sobrevivência dentro de um mundo moderno e globalizado. No entanto, essa busca não pode significar a perda total da tradição uma vez que a identidade desses grupos é concebida como vinculada aos valores do passado ou às idéias-valores do mundo tradicional.

A obra de Scliar resgata e expõe essa relação identitária da cultura nacional com seus diversos grupos, exibindo seres que, dentro do mundo pós-moderno, por serem diferentes são universais, compondo de forma significativa a grande gama de possibilidades da convivência humana com os outros e com o meio, e mostrando-se como único e o mesmo ser humano.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética** – A teoria do Romance. 4ª ed, Editora Unesp, S.P.: 1975.

BENJAMIN, Walter Benjamim. O narrador. In **Walter Benjamim, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas**. São Paulo: Abril cultural, 1980.

BONDER, Nilton. **Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo/ Nilton Bonder, Bernardo Sorj**. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária** – 8º ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

DAMATTA, Roberto. Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. In: **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

_____. **Relativizando: Uma introdução à antropologia social** – Petrópolis: Vozes, RJ. 1981.

DUARTE, Luiz F. D. A construção social da memória moderna. **Boletim do Museu Nacional. Antropologia nº 41**. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1983.

DUMONT, Loïs. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

EAGLETON, Terry. **Una Introducción a La Teoría Literária**. Trad. José Esteban Calderón, 1ª ed. em espanhol (FCE, México), Fondo de Cultura Económica S. A. de C.V 1988.

NETO, Miguel Sanches. **Entre dois tempos: viagem à literatura contemporânea do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo. Ed. UNISINOS, 1999.

SCLIAR, Moacyr. - **A majestade do Xingu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCLIAR, Moacyr. **O exército de um homem só**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

SELIGAMANN-SILVA (Org). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. In **Mana: estudos de antropologia social**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Contra capa, 1997.

SILVERMAN, Malcolm. **Moderna ficção brasileira: ensaios**. trad. de João guilherme Linke, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.

WATT, Ian. O Realismo e a Forma Romance. In: **A ascensão do romance**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

ZILBERMAN, Regina. **Roteiro de uma literatura singular**. Porto Alegre: ed. da Universidade, UFRGS, 1992.

NOTAS

- 1 Mestranda em Letras – UNIOESTE- Campus de Cascavel.
- 2 Doutora em Antropologia UFRJ e Prof^a titular da disciplina de Sociologia – UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu.
- 3 As citações retiradas desta obra serão identificadas pela abreviatura: M.d. X.
- 4 As citações retiradas desta obra serão identificadas pela abreviatura: Ex. d. HS.
- 5 Autor gaúcho, pertencente à cultura judaica, que tem como característica marcante de sua obra a afirmação e busca de definição do pertencimento cultural judaico no Brasil.
- 6 Faz-se essa afirmação, considerando a grande aceitação da produção literária do citado autor, que alcança desde uma grande produção de romances, novelas, contos, crônicas até artigos publicados nos jornais Zero Hora, Folha de São Paulo e na revista Veja, como também, os vários prêmios conferidos a seus romances e novelas, como: Prêmio Jabuti, para o romance *Sonhos Tropicais* em 1993, em 1998 - Prêmio José Lins do Rego, da Academia Brasileira de Letras, para o romance *A Majestade do Xingu*, entre outros. Considerando-se ainda, que em grande parte dessa obra está presente a ênfase no pertencimento judaico que é também o pertencimento cultural do autor.
- 7 Denominação dada pelos judeus, nas obras de Scliar, aos não-judeus.
- 8 A afirmação de Watt localizando o início do romance, como um romance realista e datando no início do século XVIII, contraria a afirmação de Massaud Moisés (2004: 378) que irá localizar o movimento realista na literatura como iniciado na segunda metade do século XIX. No entanto, Watt descreve que durante todo o século XVIII se desenvolve uma corrente filosófica que influencia a produção literária que nesse período passa a contradizer o cânone da literatura clássica, buscando maiôs aproximação entre o relatado nos romances e a realidade perceptível, esse movimento só se consolidará na segunda metade do século XIX como uma corrente literária e, só a partir da publicação de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1821-1880) é que se considera o início do movimento. Sabe-se no entanto que esse movimento não surge do nada e, é todo esse precedente, que inclui a produção do movimento romântico que Watt irá denominar como romance realista.

- 9 Termo utilizado por Luis Dumont (1985), que representa um conjunto de idéias e valores que regem a vida dos homens de acordo com o contexto sócio-histórico. No caso desse artigo esse termo é apresentado referindo-se a uma oposição entre as idéias-valores do mundo tradicional e as do mundo moderno, remetendo a uma transformação sócio-histórica no período que se convencionou chamar como o período das revoluções, que se seguiram à revolução industrial no mundo ocidental.
- 10 Considera-se nessa afirmação que a história como a conhecemos, denominada história objetiva, está ligada ao processo da escrita, mas mais efetivamente à idéias-valores que regem sociedades que estão pautadas no processo da escrita, o que se pode denominar como sociedades modernas, que têm como norteador de suas ações entre outros valores o progresso e que denomina a história como uma sucessão de fatos comprovados não só pela narrativa testemunhal, mas também em outros indícios e que supõe uma sucessão lógica que considera os conceitos de causa e efeito.